



## Quando o ordinário se torna singular: perfilando pessoas comuns

(salvar este arquivo em .pdf)

**Bruno Ravanelli Pessa<sup>1</sup>**

Universidade Metodista de São Paulo

**Resumo:** Este estudo realiza uma reflexão em torno do formato perfil, segundo o entendimento e a prática desse gênero em reportagens que se alinham às características investigativas e narrativas típicas do jornalismo literário. O texto apresenta uma conceituação do perfil, buscando suas origens e distintas manifestações, para focalizar a análise na abordagem, calcada no cotidiano, sobre momentos e histórias de vida de pessoas comuns. Mais especificamente, as abordagens de duas jornalistas, a canadense Edna Staebler e a brasileira Eliane Brum, identificando um paralelo no sentido da captação sensível das trajetórias de sujeitos ordinários em textos que os convertem em personagens singulares.

**Palavras-chave:** perfil; jornalismo literário; Eliane Brum; Edna Staebler; cotidiano.

### 1. O objeto

O objetivo deste trabalho é apresentar as abordagens de duas perfiladoras, situadas em contextos espaço-temporais bem diferentes, que convergem para a singularização dos sujeitos ordinários retratados nesses perfis. Assim sendo, o perfil de pessoas comuns é o tema desta reflexão. Porém não qualquer perfil jornalístico, mas aquele alinhado ao jornalismo literário, entendido aqui como uma filosofia e uma técnica aplicáveis a qualquer área de cobertura jornalística, conforme a definição estabelecida por Sérgio

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutorando em Comunicação Social pela mesma instituição. E-mail: brupessa@yahoo.com.br.

Vilas-Boas (2003, p. 10), especialista no assunto: “filosofia do aprofundamento e técnica (narrativa) literária”. Porque o jornalismo literário permite o aprofundamento na direção do indivíduo, revelado de forma enriquecida pelo perfil que contempla a técnica literária. E porque as duas jornalistas escolhidas para essa análise não se furtaram a mergulhar nos retratos de seus perfilados, partindo, ambas, de personagens desprovidos de notoriedade e lhes conferindo um tratamento especial.

De acordo com Vilas-Boas (2014, p. 271), o perfil, “gênero nobre do jornalismo literário, é um tipo de texto biográfico sobre uma - uma única pessoa viva, famosa ou não”. Conceituação parecida com a de David Remnick (2001), para quem o perfil é uma peça biográfica, uma apresentação concisa de uma vida através de uma combinação de anedota, incidente, entrevista e descrição.

Mas há quem discorde sobre a necessidade de o perfil ter como protagonista o ser humano, considerando perfil também a narrativa centrada em outros seres vivos e mesmo inanimados (como locais, instituições, empresas, bairros etc.). Renata Carraro (2019) defende a tese do perfil “inumano”, fazendo referência a perfis escritos pelo jornalista Fred Melo Paiva e à pesquisa "Perfilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística", de Elisson Amate (2013), que adota uma perspectiva menos restritiva do formato e analisa perfis de objetos inanimados (um terminal rodoviário, uma estátua e um bombardeio na guerra). Amate (2013, p. 106) argumenta que “essas histórias se sustentam não na humanidade do protagonista, mas no processo de humanização e centralidade do relato, que cabe muito mais ao repórter encarregado de escrever do que ao personagem registrado pela narrativa”. Carraro (2019, p. 116) corrobora a ideia, pontuando que a centralidade do humano “não perde em relevância mesmo quando o não-humano assume o primeiro plano reservado em geral a personagens de carne e osso”. Exemplifica seu argumento citando os perfis de Paiva (2014), reunidos em livro, sobre protagonistas como animais, lugares, objetos e acontecimentos (cães, urubus, ratos, uma favela, o ar condicionado, o Minhocão, a Varig, um avião aposentado, uma fila, uma vila e um leilão). Nesta obra de Paiva (2014), o jornalista demonstra sua versatilidade narrativa, alterando o enfoque e o estilo conforme o perfilado da vez, mesclando criatividade, faro aguçado de repórter e repertório sofisticado de escritor.

## 2. De onde parte

Pesquisadores que investigam o formato entendem que a origem do perfil está localizada na produção jornalística estadunidense, com particular destaque para a revista *The New Yorker*. Renata Carraro (2019, p. 110) diz que assim como o jornalismo literário pode ser considerado o berço espiritual do perfil jornalístico, os Estados Unidos e a publicação que leva o nome de sua maior cidade, Nova Iorque, podem ser considerados os berços materiais do gênero.

Atual editor da *The New Yorker*, para a qual colabora também como redator, David Remnick (2001) destaca que foi a publicação que batizou o formato com o nome perfil já nos primeiros anos de sua trajetória, iniciada em 1925. *The New Yorker* não só introduziu o perfil no cotidiano do jornalismo estadunidense, como o consolidou pela combinação entre jornalismo e literatura, gerando textos que se tornaram célebres graças ao talento de escritores incentivados a praticar jornalismo literário por excelência.

Voltando mais no tempo, é possível identificar até mesmo uma pré-história do perfil. Esse é justamente o tema de um dos capítulos da obra “Profile Pieces: Journalism and the ‘Human Interest’ Bias”, editada por Sue Joseph e Richard Lance Keeble, que se intitula “The Pre-history of Profiles, 1380–1800: Chaucer, News Ballads, the English Civil War and Boswell” e foi escrito por Grant Hannis. Apesar de fazer um recorte que contempla apenas a produção em inglês, o estudo volta consideravelmente no tempo, partindo de uma Idade Média que ainda desconhecia a imprensa. Hannis (2016) credita o pioneirismo ao poeta inglês Geoffrey Chaucer (1343-1400), cuja principal obra, “The Canterbury Tales”, contém perfis de figuras típicas da sociedade inglesa contemporânea ao autor, como um cavaleiro, oficiais religiosos e comerciantes. A história narrada se trata de um texto ficcional, mas, “ao contrário da poesia de amor artificial e rarefeita comum na época, o poema de Chaucer apresenta personagens que parecem vividamente reais e firmemente colocados no mundo contemporâneo do poeta” (HANNIS, 2016, p. 18).

## 3. O que faz o perfil?

Perfilar alguém é lançar uma lupa sobre o indivíduo, em determinado instante de sua vida, mesmo que para elaborar o perfil o jornalista tenha mais de um encontro com o

sujeito que será perfilado e que essas interações estejam separadas no tempo por dias, semanas e talvez meses. Ainda assim, o perfil resultante do que o jornalista extrair desses momentos, somados à apuração externa, será resultado de um momento da vida do perfilado. Um *flash*, como na fotografia de perfil. E não uma narrativa biográfica longa, quando do perfil migra-se para a biografia. Considerando o formato textual, essa diferenciação entre perfil e biografia se fundamenta em termos de tempo de vida do indivíduo sobre o qual se narra e da extensão do texto dedicado a essa pessoa.

Conforme aponta Vilas-Boas (2003, p. 20), reiterando o caráter de registro momentâneo do formato, os perfis “só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante”. Assim, se a pessoa perfilada passa por diferentes etapas na vida, o perfil tenderá a focalizar e iluminar melhor a etapa daquele presente, o que nem sempre corresponderá à sua trajetória vista no longo prazo, ou seja, à sua biografia. “Muitas vezes, o sujeito apresenta certas características, gestos, atitudes e pensamentos em função da fase que está atravessando”, coloca Vilas-Boas (2003, p. 21), chamando a atenção para uma circunstância que o perfilador precisa levar em conta.

Os motivos pelos quais se resolve perfilar o sujeito A ou o B são inúmeros, de modo que não cabe a especulação. Porém, via de regra, acredita-se ser mais recorrente que o perfil se justifique em torno de personagens de feitos extraordinários, fama e popularidade incontestáveis, ao menos para determinada comunidade. Sujeitos que trazem a marca da singularidade estampada em seus currículos, com pelo menos um desempenho “fora da curva” registrado pela sociedade ou uma história muito insólita para contar, distanciando-se da banalidade e por vezes se aproximando da bizarrice (do episódio vivido e não do sujeito em si).

Imagine que um jornal ou revista ou site tenha um espaço editorial dedicado a perfis, e que o editor dê abertura para o repórter lhe trazer sugestões de pessoas a serem perfiladas. Pode-se supor que o repórter não terá muito trabalho para convencer o chefe do interesse em se debruçar sobre pessoas que portem quaisquer das características extraordinárias citadas no parágrafo anterior. O próprio Sérgio Vilas-Boas (2014, p. 284) aconselha: “Proponha o perfil para seu editor/editora somente depois de conhecer um pouco o personagem que você escolheu. A singularidade é decisiva”.

E se o repórter quiser perfilar uma pessoa comum, que até aquele momento não ostente nada de significativamente diferente dos demais que se encaixam nas mesmas “categorias” (faixa etária, gênero, onde mora, onde nasceu, o que faz profissionalmente, o que faz para se divertir etc.), vai precisar de mais argumentos diante do editor? Provavelmente. No entanto, nada lhe impedirá de tornar singular e, por que não, extraordinário, o mais ordinário dos sujeitos, imerso em um cotidiano em que aparentemente nada parece especial; de captar uma singularidade oculta na rotina, na repetição de afazeres cada qual na sua hora específica. É dessa premissa que esta pesquisa parte. Lembrando que a liberdade temática é uma tônica do perfil, como sublinha Marta Maia (2020, p. 43):

Se o acontecimento jornalístico expressa aquilo que rompe a normalidade, aquilo que afeta os sujeitos e pode indicar novas possibilidades, no caso específico de perfis, temos uma liberdade temática que extrapola o próprio acontecimento jornalístico na medida em que estamos falando sobre sujeitos que podem ter realizado alguma ação de grande repercussão, mas estamos, igualmente, falando sobre sujeitos que seguem com suas vidas cotidianas, mas nem por isso menos significativas do que outras.

#### **4. O que é o cotidiano?**

Uma digressão para falar sobre cotidiano agora. Segundo o historiador francês Michel De Certeau (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 31), “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. Além do aspecto externo, de força que exerce uma pressão sobre as pessoas, há o interno também. “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...] é uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada” (idem).

O cotidiano é o tecido no qual o humano costura a cultura (SOUTO MAIOR JÚNIOR, 2012) - ou melhor, em que os humanos costuram as culturas, sempre no plural. É uma situação que está dada e nos envolve. Há como escapar? Fazer algo que escapa à rotina significa fugir do cotidiano? Ou é parte dele, afinal só faz sentido fugir do cotidiano, em determinadas escolhas e ações, uma vez que ele é onipresente e determina todo o resto? Difícil responder.

Uma imagem que representa a noção de cotidiano é a de coletividade anônima, ou seja, composta por um grupo de indivíduos desconhecidos. Para Certeau (1998, p. 58), o cotidiano “é o lugar da multidão móvel e contínua, densamente aglomerada como pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém. Rios cifrados da rua”.

O sujeito é um anônimo no cotidiano, mas, por sua vez, a atuação do sujeito é decisiva para a construção do cotidiano. Para Agnes Heller (HELLER apud GUIMARÃES, 2002, p. 12), “a vida cotidiana é a constituição e reprodução do próprio indivíduo e conseqüentemente da própria sociedade, através das objetivações”. A filósofa húngara explica que as objetivações “compreendem basicamente a apropriação dos instrumentos e produtos, costumes e linguagem” (HELLER apud GUIMARÃES, 2002, p. 13), proporcionando “sucesso” na vida cotidiana, ou seja, que as pessoas consigam sobreviver na sociedade.

Heller diferenciou características por meio das quais os indivíduos pensam, agem e se relacionam na sociedade, e entre elas se destaca a entonação. Segundo a pesquisadora Gleny Guimarães (2002, p. 15), estudiosa do pensamento de Agnes Heller,

a entonação é aquele jeitinho dado por cada um, é o tom deixado pela pessoa, ou melhor, é a marca da pessoa. [...] É a irrepetibilidade da singularidade de cada um. Assim como todo mundo conhece o ‘jeitinho brasileiro’, que o faz diferente das outras nacionalidades. Isso é entonação e que faz parte da própria constituição da identidade, seja de um povo, como de uma pessoa. A entonação não permite que ninguém seja substituído, pode ocupar o mesmo lugar ou função ou espaço, mas jamais será igual, pois cada um é caracterizado por sua única entonação, sua marca registrada.

Além de ser um traço de singularidade, a entonação se aproxima do que Michel de Certeau caracteriza como astúcia indisciplinada para burlar a teia vigilante do cotidiano. Pelo raciocínio do erudito francês, o cotidiano abarca uma rede de vigilância, em que atuam mecanismos de disciplina. De maneira reativa, as pessoas desenvolvem “maneiras de fazer” como contrapartida, como “as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1998, p. 41). Práticas que carregam uma “criatividade dispersa, tática e

bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes de ‘vigilância’. Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina que é o tema desse livro” (idem, p. 42), escreveu Certeau, na obra “A invenção do cotidiano”, texto-chave para estudo do assunto.

## **5. Olhar que descortina vidas**

São identificadas, nas artes de fazer, tanto as ações ordinárias que se repetem no dia a dia, tendendo para um modo padronizado, quanto as indisciplinadas, reflexo do “jeitinho” criativo que aparece quando é preciso superar a maneira ordinária para transpor limitações e fazer diferente do convencional. Sujeitos descobertos por singularidades tanto em suas práticas ordinárias quanto extraordinárias são os protagonistas de “A vida que ninguém vê”, coletânea de perfis produzidos pela jornalista gaúcha Eliane Brum, nascida em 1966.

O mote de Brum foram as histórias de pessoas anônimas, até então desconhecidas, consideradas invisíveis no meio da multidão<sup>2</sup>. Narrativas a partir de um olhar insubordinado aos ditames jornalísticos hegemônicos, indisciplinado por natureza porque elaborava suas pautas em torno de histórias pequenas, desimportantes, que se repetiam e pertenciam à gente comum - o oposto do jornalismo clássico, como ela mesma explica na obra (BRUM, 2006, p. 187). Como, por exemplo, sobre o mendigo que jamais pediu coisa alguma; o carregador de malas do aeroporto que nunca havia voado; um andarilho adulto analfabeto adotado por uma escola; um pai pobre enterrando o filho natimorto; um acumulador de objetos descartados por outras pessoas, entre outras figuras simples, aparentemente desimportantes.

Segundo a jornalista, “o que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário” (idem), uma vez que desprogramamos a percepção viciada pelo senso comum de que o comum é banal, sem valor, indigno de atenção. Brum convida a fugir dos automatismos e observar para além da superfície, experimentando novas

---

<sup>2</sup> Importante esclarecer que originalmente esses perfis produzidos por Eliane Brum não se destinavam à publicação em livro: eram veiculados como colunas semanais no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, onde ela trabalhava. O sucesso da série de colunas, em 1999, inspirou a coletânea em livro, publicada em 2006.

perspectivas, cutucando a curiosidade, ouvindo mais do que falando, aflorando os sentidos. Sua tese é direta: “um ser humano, qualquer um, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado herói” (BRUM, 2006, p. 195).

Portanto, para lidar com tamanha complexidade é preciso mergulhar de peito aberto na busca por compreender o semelhante. Pois é possível reencontrar, em cada história singular, a universalidade que une os seres humanos: “Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar” (BRUM, 2006, p. 195). Considerando que o perfil também é capaz de evidenciar o universal embutido nas particularidades (VILAS-BOAS, 2002, p. 37), conclui-se que a relação entre o singular e o universal acontece em mão dupla.

Como quando, por exemplo, Brum (2006, p. 37) expõe a sina do homem pobre, que não consegue um pedaço de terra próprio para enterrar o filho natimorto, ao narrar o drama de Antonio Antunes:

Não há nada mais triste do que enterro de pobre porque não há nada pior do que morrer de favor. Não há nada mais brutal do que não ter de seu nem o espaço da morte. Depois de uma vida sem lugar, não ter lugar para morrer. Depois de uma vida sem posse, não possuir nem os sete palmos de chão da morte. A tragédia suprema do pobre é que nem com a morte escapa da vida.

Foi isso que Antonio Antunes, o abatedor de árvores, compreendeu. E foi isso que terminou de arrebatá-lo. Porque era só o começo e porque não tinha fim. Apenas repetição. Porque homens como Antonio nascem e morrem do mesmo jeito. E, nesse sentido, o bebê que não viveu apenas economizou tempo, abdicando do hiato entre todas as formas de morte reservadas a ele na vida.

Mesclando olhar aguçado e sensibilidade narrativa extrema, Eliane Brum se tornou uma exímia autora de perfis reveladores de histórias extraordinárias de pessoas ordinárias, no Brasil do início do século 21. Seu “A vida que ninguém vê” conquistou em 2007 o Prêmio Jabuti, a mais tradicional premiação literária nacional, na categoria Reportagem. Na carreira, a jornalista faturou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha (ELIANE BRUM, 2020).



Felizmente, ela não representa um caso isolado dentro do jornalismo, restrito a um tempo e a um espaço determinados.

## 6. Mergulhadora no ordinário

Várias décadas antes da escritora brasileira Eliane Brum, a canadense Edna Staebler (1906-2006) também se notabilizou pela autoria de histórias reais de pessoas sem fama. Em uma época na qual as revistas do país costumavam publicar apenas perfis de personalidades influentes e ricas, Staebler focalizou gente comum, trabalhadora, pertencente a minorias étnicas ou religiosas, vivendo em áreas isoladas. Deu-lhes, portanto, tratamento privilegiado e passou, assim, a mensagem de que desejava conhecer a rotina ordinária dos habitantes dos rincões do Canadá.

Quem conta a trajetória biográfica e jornalística de Staebler é o professor Bruce Gillespie, também canadense (JOSEPH; KEEBLE, 2016). Não por acaso ela dedicou especial atenção a histórias de mulheres, visto que sentiu na pele os efeitos dos lugares e papéis sociais pré-determinados que as mulheres deveriam ocupar na machista sociedade canadense da primeira metade do século 20. Sua chegada ao jornalismo, como exercício profissional, também foi impactada pela condição feminina, assim como o casamento infeliz com Keith Staebler.

Com muita vontade de escrever porém nenhuma experiência, por uma ironia do destino ela foi parar numa isolada vila de pescadores imigrantes. O convívio com essa comunidade lhe rendeu a primeira reportagem publicada, em 1948, na revista *Macleans*, sob o título “Duelists of the Deep”. Segundo Gillespie (JOSEPH; KEEBLE, 2016), o texto se destacou por suas qualidades narrativas e literárias, sendo rico em detalhes, com longas falas e diálogos, bem como pela transmissão do discurso dos personagens em seu dialeto único.

Embora o plano de Staebler fosse retomar a redação de um romance interrompido, o sucesso de *Duelists of the Deep* motivou o editor da *Macleans* a lhe propor uma nova reportagem especial. Daí nasceu “How to Live Without Wars and Wedding Rings”, relato sobre os Menonitas da Velha Ordem da região sul de Ontário, província localizada no centro-leste do Canadá. Os menonitas representam um ramo do cristianismo de origem

alemã e suíça, cuja velha ordem pratica um estilo de vida destituído de tecnologias, vaidades e posses individuais. Na avaliação de Gillespie (JOSEPH; KEEBLE, 2016), esse novo perfil se fixou como uma espécie de modelo para a maioria dos próximos perfis que a canadense produziria pelos próximos 20 anos.

Fundamentais para o sucesso da empreitada de Staebler em relação aos menonitas, reclusos e tímidos por natureza - e ainda mais diante de uma jornalista estranha convivendo com eles -, foram a empatia, o entusiasmo e a abertura da escritora para emergir de fato naquela realidade (ou seja, na vida daqueles menonitas) que estava sendo investigada. Empatia que também é uma das maiores virtudes de Eliane Brum para com seus protagonistas. Se assim não fosse, ela não faria perguntas tão pungentes nem obteria respostas tão iluminadoras para a revelação daqueles personagens para seus leitores. Tampouco alcançaria narrativas tão despertadoras da empatia dos leitores em relação aos sujeitos narrados.

Staebler ganhou a abertura da família menonita porque, uma vez aceita para o convívio no seio doméstico, não simplesmente tomou notas no canto da sala ou da cozinha. Mas porque foi prestativa, ajudou as mulheres da casa, assumiu tarefas e se portou de igual para igual, recusando privilégios de uma visita tratada com regalias (JOSEPH; KEEBLE, 2016). Como escritora, a canadense teve o mérito de não explorar os personagens de seus perfis por um viés romantizado ou caricaturizado - o que não seria difícil de realizar em relação aos menonitas, por exemplo, considerando as muitas diferenças de hábitos e bens possuídos para o restante dos canadenses, como se a comunidade vivesse presa no século 18 ou 19 em pleno ano de 1950. Por outro lado, Staebler lançou mão de um tratamento bastante respeitoso para com seus perfilados. Principalmente com as perfiladas, afinal as mulheres, nos textos da escritora, ganharam visibilidade em questões outrora silenciadas, como o trabalho doméstico extenuante, nunca remunerado e pouco reconhecido. Se uma jovem desejava tentar a vida profissional em um centro mais desenvolvido, abdicando de se casar com um marido com posses para não sufocar sua aspiração individual, precisava aliar a jornada de afazeres familiares com um esforço para além do normal em seu trabalho externo, como é o caso de Maggie Ingraham, a protagonista de “Maggie’s Leaving Home”, texto publicado na *Maclean’s* em 1951.

Maggie persevera com afincos justamente para se livrar de uma sina que enxerga para seu futuro breve, na figura da mãe, devotada mulher do lar. Maggie quer liberdades e possibilidades que a vida no seu vilarejo parece incapaz de lhe proporcionar, como a chance de escapar do isolamento, da solidão e do ostracismo da dona de casa que anula vontades pessoais em prol do “bem-estar familiar”. Entretanto, essa típica mulher do interior canadense de meados do século 20 não é desenhada por Staebler como uma pessoa que sofre em silêncio e precisa ser salva imediatamente. Ela tem momentos de felicidade e, quando demonstra contentamento em assumir a missão que o papel familiar lhe designou, isso não é desvirtuado no texto. Como se vê nessa referência a Clara May Ingraham, mãe de Maggie, que considera saudável a pessoa que pode se dedicar a uma rotina bastante laboriosa:

‘O trabalho não vai machucá-la, você nunca ficará doente enquanto tiver alguma coisa para fazer e alguém para quem fazer algo’, diz Clara May, cujo trabalho para sua família nunca está completo. Ao contrário da dona de casa da cidade que tem eletricidade e encanamento para facilitar a vida, ela acorda às cinco da manhã, acende o fogo e cozinha mingau, bacon e ovos para os pensionistas que trabalham nas estradas e os meninos que vão pescar. Ela engarrafa o leite e olha depois das galinhas. Antes que ela comece a lavar, esfregar ou varrer sua casa sempre impecável, ela faz tortas ou muffins de farelo e bolo. Duas vezes por semana ela assa pão. (STAEBLER, 1951, p. 34)

Jornalista premiada e autora de 21 livros, Edna Staebler tornou-se membro da Ordem do Canadá, a mais alta condecoração civil do país. Tornou-se também referência para jornalistas que a sucederam por ter se transformado em nome de prêmio. O Prêmio Edna Staebler de Não-Ficção Criativa, estabelecido em 1991, é o único do gênero oferecido no Canadá, reconhecendo escritores canadenses em seu primeiro ou segundo livro publicado (LAURIER, 2020).

## **7. À guisa de conclusão**

Não por acaso, algumas das condições femininas abordadas nos perfis de Staebler se confundem com experiências, situações e conflitos vividos pela própria escritora na esfera pessoal. Que, se não fosse pela afiada pena da canadense, provavelmente não chegariam ao conhecimento de tantos outros leitores daquele período e dos seguintes.

Staebler conferiu visibilidade a várias vidas invisíveis, como Brum viria a fazer em um contexto histórico totalmente distinto.

Não seria necessário reconhecer aqui o talento de ambas, pois as distinções conquistadas, os ecos de seus textos e o legado de suas obras falam por si. Porém, pede-se licença para a constatação de que Edna Staebler e Eliane Brum são duas sensíveis mulheres praticando um jornalismo sensível. Duas perfiladoras com a maestria de transformar muitos sujeitos ordinários em extraordinários, não tendo se sujeitado às amarras do jornalismo vigente das suas épocas, como duas extraordinárias perfiladoras do ordinário.

Pode-se concluir que, ao se reapropriar criativamente da banalidade do cotidiano, o perfil, enquanto gênero do jornalismo literário, não apenas capta o ordinário e as indisciplinas e entonações das das pessoas anônimas. Mas ele se torna, também, uma antidisciplina, uma astúcia e uma entonação, para resgatar os termos apresentados por Michel de Certeau e Agnes Heller. Sob essa perspectiva, o perfil representa, em alguma medida, um gesto de resistência política, na recusa ao se deixar engolir pela roda giratória do cotidiano, que tende a padronizar os comportamentos e atitudes dos sujeitos, de forma contínua, em uma racionalidade opressora.

## Referências

- AMATE, Elisson. **Perfilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CARRARO, Renata. **Narrar é Preciso: Uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico**. Tese (Doutorado em Comunicação Social). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ELIANE BRUM – DESACONTECIMENTOS. **Trajatória**. Disponível em: <http://elianebrum.com/biografia/>. Acesso em: 6 de ago. 2020.

GILLESPIE, Bruce. Edna Staebler and the Lives of Women. In: JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard. **Profile Pieces: Journalism and the ‘Human Interest’ Bias**. Nova Iorque: Routledge, cap. 6, p. 87-99, 2016.

GUIMARÃES, Gleny Duro (org.). **Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em Perspectiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HANNIS, Grant. The Pre-history of Profiles, 1380–1800: Chaucer, News Ballads, the English Civil War and Boswell In: JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard. **Profile Pieces: Journalism and the ‘Human Interest’ Bias**. Nova Iorque: Routledge, cap. 1, p. 17-29, 2016.

JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard. **Profile Pieces: Journalism and the ‘Human Interest’ Bias**. Nova Iorque: Routledge, 2016.

LAURIER – Inspiring Lives. **Edna Staebler Awards**. Disponível em: <https://www.wlu.ca/information-for/community-members/literary-initiatives/edna-staebler-awards/index.html>. Acesso em: 6 de ago. 2020.

MAIA, Marta Regina. **Perfis no jornalismo: narrativas em composição**. Florianópolis: Insular, 2020.

PAIVA, Fred Melo. **Bandido Raça Pura: E outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas**. Porto Alegre: Arquipélago, 2014.

REMICK, David. **Life Stories: Profiles from The New Yorker**. Nova Iorque: The Modern Library, 2001.

SOUTO MAIOR JÚNIOR, Paulo. **Um passeio primaveril com Certeau: nas pegadas do cotidiano e da cultura**. Revista Cadernos de Clio, Curitiba, n. 3, p. 301-319, 2012.

STAEBLER, Edna. **Duelists of the Deep**. Revista Maclean’s, Toronto (Canadá), p. 18, 46-49, jul. 1948.

STAEBLER, Edna. **How to Live Without Wars and Wedding Rings**. Revista Maclean’s, Toronto (Canadá), p. 14-15, 41-44, abr. 1950.

STAEBLER, Edna. **Maggie’s Leaving Home**. Revista Maclean’s, Toronto (Canadá), p. 22-24, 34-35, nov. 1951.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: Jornalismo sobre Personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio**. 3. ed. Barueri: Manole, 2014.